



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, a jornalistas brasileiros

Roma-Itália, 13 de novembro de 2008

Obs.: Por razões técnicas, a íntegra desta entrevista e do respectivo áudio serão publicados posteriormente

Presidente: ...imprensa em dois momentos: o companheiro Celso Amorim fala um pouco dos acordos que nós fizemos e depois eu sei que vocês querem perguntar um monte de coisas de política, aí falamos de política. Está bem?

Ministro Celso Amorim: Primeiro é um curta-metragem aqui, rápido. Depois o filme.

Eu acho que foi importante a visita bilateral à Itália, do tipo que não havia sido feito ainda, com todos os elementos de uma visita de Estado: com o Presidente da República, com o Primeiro-Ministro, mas também com grande presença empresarial, com a presença também do presidente do evento organizado pelos sindicatos, portanto, com uma participação ampla da sociedade civil. Um número grande de acordos foram assinados com o governo italiano – seis acordos envolvendo áreas desde ciência e tecnologia, pesquisa espacial, pequena e média empresas... Então esse foi o aspecto da visita bilateral à Itália, como vocês terão visto melhor do que eu, com boa repercussão, inclusive na mídia italiana.

A outra visita, naturalmente também uma visita muito importante, foi a visita à Santa Sé, que também é a primeira que é feita pelo presidente Lula e a primeira neste Pontificado. Naturalmente que houve um momento privado do presidente com o Santo Padre e houve também depois uma conversa com o



Secretário de Estado. Para os que não são daqui, é preciso acentuar que secretário de Estado não é como secretário de Estado nos Estados Unidos, secretário de Estado é o primeiro-ministro.

Essa conversa então teve... discorreu sobre vários pontos, inclusive sobre a questão da crise financeira, a necessidade de continuar ajudando as nações mais pobres, o engajamento da Igreja nessas tarefas, há até uma certa semelhança em função da atenção que a Igreja tem dado à África, como tem dado o Brasil, portanto vários comentários sobre temas dessa natureza. Houve uma breve referência também a essa iniciativa da Arábia Saudita, de diálogo interconfessional, a que a Igreja está dando muita importância. E o acordo bilateral, é importante dizer que do ponto de vista da legislação brasileira ele não modifica nada porque são todos direitos já garantidos pelo Código Civil, por ações que já existem no Código Penal, ou na jurisprudência, mas que do ponto de vista da Igreja e da Santa Sé – há sempre essa ambigüidade, porque a Igreja é uma igreja mas é também um Estado – dá uma moldura internacional a esses direitos e, portanto, uma maior garantia do seu cumprimento sem em momento algum se afastar da natureza laica do Estado brasileiro, é importante que se diga, e sem também em momento algum fazer nenhum prejulgamento em relação à Igreja Católica em relação a outras igrejas, outras concessões no Brasil. Essencialmente, eu acho que foi isso a parte internacional.

Bom, no meio dessa visita houve também o telefonema do presidente eleito dos Estados Unidos, Barack Obama, em resposta aos cumprimentos que o Presidente havia enviado. Eu creio que isso já foi bastante publicado, mas era importante somente mencionar.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Não, na verdade não. Se você ler todos os jornais italianos, você vai perceber que o jornal *Il Manifesto* traz na íntegra o que eu falei. O que eu



disse para eles é o que eu tenho dito para vocês, ou seja, primeiro eu tenho que construir uma candidatura junto à base aliada ligada ao governo federal, e nós temos tempo para isso porque 2009 é o ano de consagração do PAC. Portanto, nós temos que trabalhar com muito afinco em 2009 sem pensar em campanha política, para poder começar a concluir as obras do PAC. Quem estiver esperando que eu vá fazer campanha em 2009 pode começar a tirar da agenda, porque 2009 é ano de o governo consagrar as obras do PAC. Muitas estarão já em estado bastante avançado e outras estarão concluídas.

A segunda coisa que eu disse é que depois de construir com a base, acho que o partido tem que apresentar o candidato, e que a Dilma pode ser uma boa candidata para o Brasil. Entretanto, eu sequer conversei com a ministra Dilma. Mas quem conhece a Dilma e quem conhece o Brasil sabe que ela tem um potencial e ela poderá ser escolhida pelos partidos da base inclusive, não apenas pelo PT. Mas isso é uma discussão que nós vamos fazer depois que a gente trabalhar muito o ano que vem para poder construir as obras que estamos fazendo no Brasil.

Acho que a maturidade política dos partidos políticos, do governo, tem que levar em conta que no ano que vem a gente não pode permitir que nada atrapalhe o nosso trabalho com relação às obras do PAC, porque são obras extremamente importantes. Para algumas, inclusive, nós vamos fazer licitação no meio do ano, como o trem de rápida velocidade; algumas hidrelétricas que estamos preparando para entrar em licitação no próximo ano... Nós achamos que o que conta para o Brasil não é mais uma eleição. O que conta para o Brasil é a conclusão das obras que o povo brasileiro tanto espera para melhorar as condições brasileiras. É assim que nós vamos trabalhar.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Primeiro, cada país tem uma realidade, e nós temos que levar em



conta a realidade de cada país. Essa crise, é importante que a gente se atenha aos efeitos dessa crise, como ela está funcionando. Nós tivemos uma crise que surgiu no seio dos Estados Unidos, uma crise do sistema financeiro que trabalhou durante tempos especulando, em vez de estar investindo no setor produtivo.

Essa crise, na verdade, não tinha nenhuma razão para chegar a todos os países, se os governos dos países avançados envolvidos na crise tivessem resolvido a crise quando a crise começou. Vejam que essa crise começou em setembro do ano passado, foi a primeira vez que eu fiz discurso sobre a crise, e o governo americano só foi tomar atitude contra a crise no mês passado, quando anunciou investimentos de US\$ 750 bilhões. Ou seja, praticamente um ano fingindo que a crise não existia.

No caso brasileiro, nós tomamos quais decisões? Nós tomamos algumas decisões que são extremamente importantes. Nós definimos capital de giro para as pequenas e médias empresas brasileiras. Nós definimos aportar mais R\$ 10 bilhões para o BNDES financiar grandes empresas. Nós definimos R\$ 5 bilhões para financiamento da indústria automobilística, por conta da cadeia produtiva da indústria automobilística, que representa 24% do PIB industrial. Nós determinamos mais R\$ 3 bilhões para a construção civil. Nós já devolvemos mais de R\$ 110 bilhões do compulsório para que o sistema financeiro tenha dinheiro para irrigar o crédito na economia. Já consolidamos o financiamento para o CCC, para garantir as nossas exportações.

Portanto, do ponto de vista das atitudes práticas que o governo tinha que tomar nós já tomamos todas, e vocês sabem que elas são reconhecidas pelos empresários como as medidas corretas.

Tem uma coisa que foge ao controle de qualquer um de nós, que é o pânico psicológico. Ora, se todo dia nós falamos em crise, se todo dia nós colocamos um pouco de terrorismo na crise, se todo dia alimentamos a crise, o que vai acontecer? O consumidor que estava querendo comprar um carro



novo, o consumidor que estava querendo comprar uma casa nova, o consumidor que estava querendo comprar uma geladeira, uma televisão, na hora que ele pára de comprar, aí a crise começa a chegar na economia real.

É para isso que nós trabalhamos, para não permitir que acontecesse no Brasil, quando nós disponibilizamos toda essa quantidade de crédito. E temos mais crédito para disponibilizar na medida em que as empresas necessitem.

Obviamente, quando sai uma notícia na imprensa de que a GM, nos Estados Unidos, quer pedir concordata, isso causa um pânico na economia, porque todo mundo já pensa que vai ser para toda a indústria automobilística.

Vocês acompanharam a reunião que eu fiz com a indústria automobilística na inauguração da Feira do Automóvel. Todos os empresários garantiram que vão manter os investimentos. Nós vamos manter os investimentos do PAC, a Petrobras vai manter os investimentos na prospecção e na pesquisa do petróleo.

Portanto a situação, eu diria, é uma situação em que a gente pode dizer que se depender das ações do governo, das ações das empresas brasileiras e de muita gente da economia brasileira, a economia vai continuar funcionando bem, até porque nós queremos fortalecer o mercado interno brasileiro.

No mundo desenvolvido, falar em mercado interno, como nós falamos no Brasil, é mais difícil, porque as pessoas já têm mais carros, porque as pessoas já têm mais geladeira, porque as pessoas já têm... No caso do Brasil, nós temos uma grande quantidade de seres humanos que não conseguiram comprar ainda, e nós estamos facilitando para que as pessoas possam comprar.

Eu vou me encontrar com o companheiro Guido amanhã, em Washington. Certamente, teremos oito horas de viagem para conversar sobre novas medidas que o governo pode tomar, que eu não sei quais são, e nós vamos tomar na medida em que os segmentos da economia brasileira apresentem concretamente os problemas que eles estão sentindo.



Os setores que nós nominamos como prioritários: a indústria automobilística, por causa da cadeia produtiva no PIB industrial; a indústria da construção civil, pela importância que ela tem na geração de emprego; a pequena e média empresa, pela quantidade de empregos que ela gera e também porque ela necessita de capital de giro; e a agricultura brasileira, que nós queremos fomentar para continuar produzindo cada vez mais.

Vocês se recordam que faz pouco tempo que eu lancei um programa chamado “Mais Alimentos”, em que a gente se propõe a financiar R\$ 25 bilhões para a agricultura familiar comprar 60 mil tratores e 300 mil máquinas agrícolas. Por que nós fizemos isso? Numa resposta à idéia de que é possível faltar alimento no mundo. Então, o Brasil tem potencial para produzir, tem terra, tem sol, tem os trabalhadores. Isso nós vamos fazer.

Agora, vamos acompanhar a crise diariamente, e na medida em que for necessário tomar medidas para ajudar esse ou aquele setor da economia, nós vamos tomar as medidas cabíveis para isso, até que o medo psicológico deixe de tomar conta das pessoas e as pessoas voltem a comprar.

Eu tenho dito: quem quiser comprar seu carro, compre; quem quiser comprar sua geladeira, compre, porque se a gente parar, aí a crise chega de verdade. Então, se vocês tiverem que comprar, comprem carro novo.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Eu fiquei sabendo que Minas anunciou R\$ 450 milhões e que São Paulo anunciou R\$ 4 bilhões. O que eu tenho pedido para os governadores? Nós estamos vivendo um momento no Brasil em que as prefeituras das principais cidades têm, hoje, potencial não só de endividamento, mas potencial de investimento. Os governadores dos estados – em grande parte, a economia está recuperada – podem fazer investimento. Então todos, neste momento, todos que puderem contribuir, contribuam, porque é a manutenção do



crescimento do seu próprio estado e da própria indústria no estado.

Essa é uma lógica que eu acho que os estados que tiverem recursos devem fazer para ajudar na manutenção do crescimento econômico no seu estado e no Brasil.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Não, vamos dizer claramente o que eu disse e continuo dizendo: tem uma crise criada no sistema financeiro, nós sabemos a origem, de onde veio, e sabemos o país que criou, e o Brasil não tinha banco submetido ao *subprime*, não tinha indústria submetida ao *subprime*. Portanto, era uma crise que deveria atacar menos os países em desenvolvimento, que têm um potencial de mercado interno que os países desenvolvidos não têm. Essa era a minha visão da crise e continua sendo a minha visão da crise. Nós não temos, no Brasil, nenhuma empresa pedindo concordata e nenhum banco pedindo concordata, como temos nos Estados Unidos, como temos na Europa. Não tem. Significa que a crise é bem diferenciada.

E o que eu dizia sempre? É que se tem uma crise na principal economia do mundo e se tem uma crise no principal bloco econômico do mundo, que é a Europa, na medida em que essa crise faz com que esses países diminuam as suas importações, essa crise vai chegar em todos os países, vai chegar na China, vai chegar no Brasil, vai chegar na África. Por quê? Porque são grandes compradores que poderão diminuir as suas compras.

Qual foi a resposta que nós demos, em função dessa avaliação? É que para nos contrapormos a isso, nós vamos fortalecer o mercado interno brasileiro. E para fortalecer o mercado interno, nós anunciamos que medida? Não haverá nenhuma paralisação das obras do PAC. Segundo, o Banco Central e o Tesouro vão disponibilizar os recursos que forem necessários para garantir financiamento do mercado interno e para garantir financiamento das



nossas exportações. Isso eu continuo afirmando até hoje, porque vai ser assim que nós vamos proceder.

Vocês sabem que hoje, com o mundo globalizado, quando se anuncia que uma loja de eletrodomésticos pediu concordata nos Estados Unidos, muita gente que vai comprar pensa: será que não vai acontecer no Brasil?

Eu tenho chamado os empresários – vocês cobriram a reunião que nós fizemos no Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social – exatamente para garantir que os investimentos vão continuar, que não adianta as pessoas ficarem fazendo propaganda negativa. Num momento como este, nós temos que apostar que o povo brasileiro tem que ter confiança de que não vai perder o emprego, de que vai continuar ganhando salário e, portanto, ele pode consumir. Se ele não acreditar nisso e parar de comprar, certamente a crise vai chegar na economia real, e aí ele vai perder.

Então, nós temos dito isso para os empresários, para os trabalhadores, para a imprensa e para nós mesmos, no governo: eu não quero uma obra paralisada. Tudo aquilo que está projetado... Vocês devem ter acompanhado o meu discurso para os empresários italianos. Se eles têm problemas de investimento aqui na Itália, o Brasil será um porto mais do que seguro para os investimentos deles.

Aqui, ontem à tarde, eu recebi vários empresários – a tarde inteira recebendo empresários – e todos eles dizendo que vão fazer investimentos no Brasil. Estamos convidando alguns para discutir conosco os nichos de oportunidade para quem quer investir em energia elétrica, para quem quer investir em telecomunicações, para quem quer investir... O que nós queremos é apresentar um conjunto de obras em que nós precisamos de parcerias, e eu senti muita disposição dos empresários italianos.

Aquela apresentação que o ministro Guido Mantega, o Banco Central e a ministra Dilma – antes, o José Sérgio Gabrielli e o Luciano Coutinho fizeram apresentação – a minha idéia é que eles viajem o mundo apresentando as



nossas propostas. Vamos apresentar o PAC em qualquer país do mundo, porque tem substância, tem conteúdo, tem obras concretas, projetos já realizados, então nós precisamos construir. Eles não perderão nada porque todas as nossas obras têm recebíveis garantidos que permitem a eles fazer o investimento e ter retorno.

Então, quando eu digo que é uma oportunidade é porque... Eu não sei se você já... espero que nunca tenha, mas quando uma pessoa está doente, que está num hospital, se um remédio não está dando cura, você vai tomar outro. Aí chega uma pessoa para te visitar, fala que tomou um e que melhorou, você vai fazendo experiência até sarar.

Na economia, nós precisamos procurar parceiros. Quem está precisando de parceiros é o Brasil. Não tem hoje nenhum país desenvolvido no mundo que tenha a sustentabilidade que tem o Brasil, não tem um país rico do mundo que tenha a sustentabilidade e a estabilidade que tem o Brasil. E isso é um trunfo para que a gente possa oferecer o Brasil como um ponto de atração para os investimentos do capital estrangeiro.

Se tiver algum político brasileiro ou qualquer outro político que queira ficar sentado numa cadeira chorando a crise, eu vou sair ao mundo para enfrentar essa crise. É isso.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Veja, o que me preocupa? Isso já aconteceu comigo em outros momentos da história do País. Muitas vezes você quer trocar de carro. Você tem um carrinho cinco anos mais velho, quer comprar um mais novo, e você fala: “bom, mas estão falando que vai ter um problema, eu não compro”. Na hora em que você não compra, é um carro a menos vendido, é um carro a menos produzido, é um carro a menos licenciado, ou seja, pode ser um posto de trabalho que se perde. É por isso que nós resolvemos atender de pronto às



necessidades de financiamento da indústria automobilística, para que a gente mantenha as indústrias produzindo e mantenha o povo comprando carros.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Esse é um processo de longa jornada. Eu estou convencido de que, no caso do Brasil, convencê-los é uma questão de mais dia, menos dia. Primeiro, porque os países todos estão comprometidos com o Protocolo de Quioto e, portanto, todos terão que assumir compromissos. Segundo, porque a Europa tem um acordo europeu, em que eles têm que introduzir 10% de biocombustível no seu combustível fóssil, e eles vão ter que comprar de alguém. O meu conselho é pedir para eles não produzirem de canola, não produzirem de beterraba, porque fica muito caro.

Então, eu tenho oferecido para eles um álcool de boa qualidade, gerador de empregos, bem mais barato, e ainda estou propondo para eles parceria no Brasil. Eu nem quero que eles só comprem o nosso, não. Eu quero que eles se instalem no Brasil, montem empresas junto com as empresas brasileiras e produzam o etanol que eles querem comprar. Temos oferecido mais: temos oferecido parcerias do Brasil com outros países para investimentos em terceiros países. Por exemplo, para produzir em Angola, produzir em Moçambique, produzir em Gana, produzir em vários países que quiserem produzir.

O que o Brasil está se propondo é: primeiro, nós temos tecnologia, temos capacidade produtiva e temos disposição de fazer parceria. Mais bondade do que isso não é possível, e mais atrativo do que isso não é possível.

Agora, mudar a matriz energética deles, compreender essa necessidade, é com um tempo de debate político. Todas as vezes que você



discute qualquer coisa que signifique mudança de hábito, leva um tempo enorme para as pessoas compreenderem. Mas o Brasil é persistente.

Na próxima semana teremos um grande seminário de quase uma semana inteira no Brasil. Começa na segunda-feira a Conferência, eu participarei dela na sexta-feira na parte governamental e no encerramento, e nós esperamos que tenha a presença de aproximadamente 40 ministros, de muitos especialistas do mundo. Então, o que nós esperamos é que esse conjunto de iniciativas do Brasil vá permitindo às pessoas compreenderem que o etanol é uma saída extraordinária para quem tem petróleo e para quem não tem petróleo.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Você sabe que é muito difícil eu entrar em detalhes nisso. Agora, nós temos um processo de investigação. Esse processo de investigação vai respeitar a normalidade jurídica do nosso país. Se a Justiça determinou que a Polícia Federal investigasse gente da Abin, ela vai investigar, como investiga tanta gente no Brasil.

Eu tenho dito sempre uma coisa e isso vou repetir: a única forma de as pessoas não serem investigadas e não terem seus nomes nas manchetes dos jornais é procederem corretamente. O País tem leis, tem regras. Se todos nós procedermos de acordo com as leis e com as regras, ninguém vai ser incomodado. Mas se alguém acha que por ter um pouco de poder, seja um presidente ou um policial, está imune às investigações de atos que se sobrepuseram à legalidade do País, essa pessoa terá que ser investigada. Portanto, eu só espero que eles cumpram com o seu trabalho, com a maior lisura e com a maior transparência possível.

Jornalista: (inaudível)



Presidente: O governo não vai intervir. É um problema de investigação policial e o governo não é policial.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Você acha que eu posso falar isso? Veja, não sei. Quando eu voltar para o Brasil, vou ter uma conversa com o ministro Guido, certamente vou ter uma conversa com o governador Serra, certamente vou ter uma conversa com o Banco do Brasil, para saber se há possibilidade. Se for um negócio comercial em que haja, do ponto de vista do Banco do Brasil, interesses, e tivermos recursos para fazer, é possível que seja feito. Mas eu não poderia dizer nada antes de conversar com o ministro Guido, com o Presidente do Banco do Brasil e com o governador José Serra.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Aí se trata de negócio. A economia está tão vulnerável que com uma notícia dessas, qualquer coisa, a Bolsa já sobe ou já desce.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Para saber se nós temos.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Primeiro eu disse na entrevista coletiva, quando o Papa foi ao Brasil, que o Papa é uma figura surpreendente, porque a imagem que ele



passava na televisão, antes de ir ao Brasil, era a imagem de um homem sisudo, de poucos amigos.

A verdade é que quando ele chegou ao Brasil, ele chegou um homem afável, acho que conquistou o Brasil e acho que o Brasil o conquistou. Eu fiquei surpreendido porque ele está muito bem informado sobre o Brasil, não sei se foi a Vera que o informou. Ele sabia do programa Luz para Todos, ele sabia da política do Brasil com a África, ele sabia do sucesso do Bolsa Família.

Obviamente, o Brasil sempre trabalhou e sempre trabalhará para que a gente tenha uma boa relação com todos os papas, uma boa relação com o Estado do Vaticano, até porque a relação da Igreja com o Brasil é indissociável.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Falamos da crise econômica. Eu pedi para o Papa que nos pronunciamentos dele, ele falasse da crise econômica. Conte para ele que vou para os Estados Unidos discutir a questão da crise econômica. Se todo domingo o Papa der um “conselhozinho”, quem sabe a gente encontre mais facilidade para resolver o problema da crise econômica.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Ele disse que é grave. Eu estava dizendo para o Papa que, em todas essas crises, o que me preocupa é o seguinte: o empresário pode perder um pouco, mas vai continuar sendo empresário, vai continuar rico; os setores mais avançados da sociedade, que ganham mais, vão perder um pouco, mas continuarão comendo, bebendo, jantando e almoçando. A minha preocupação é sempre com os mais pobres. A minha preocupação é que a crise resulte no empobrecimento daqueles que já são pobres, sobretudo olhando para os países de menores economias, olhando para os países africanos. Tem muitos



países ricos que ajudam, aportam recursos para ajudar os países pobres. Esses países não podem parar de dar os recursos que vinham dando, porque será você sufocar os países pobres.

Discuti com ele a questão da migração, da legislação que está sendo aprovada na Europa, que é injusta. Citei para o Papa o exemplo de como o Brasil sabe tratar os imigrantes, porque nós estamos recebendo imigrantes há muitas décadas, há muitos séculos, e nós vivemos bem. Lá nós temos alemães, italianos, japoneses, portugueses, árabes, judeus, bolivianos, uruguaios, argentinos. E lá no Brasil nós aprendemos a viver em harmonia.

Então, o que nós queremos é que o mundo trate os imigrantes como parceiros. Se não querem que africanos venham para cá, se não querem que latino-americanos vão para os Estados Unidos, a melhor forma é ajudar esses países a se desenvolverem.

Por isso é que nós implantamos a Embrapa na África, por isso nós implantamos a Fiocruz em Moçambique, porque nós queremos ajudar esses países a se desenvolverem, a serem detentores de conhecimentos tecnológicos e a melhorar de vida.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Eu dei um artesanato pernambucano, que é um artesanato... Como é o nome do nosso artista?

_____ : Vitalino, não é?

Jornalista: (inaudível)



Presidente: Uma família de retirantes, aquela que todo mundo conhece: as mulheres com a “tuia” de roupa na cabeça. E recebi uma caneta, para assinar o aumento de vocês quando eu for do Sindicato dos Jornalistas.

A última pergunta, gente, porque eu preciso embarcar para Nova Iorque (Washington).

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Ninguém vai perguntar do meu encontro com os jogadores? Vocês não acham que eu parecia o técnico da Seleção ali, com os jogadores?

(\$31DGJLQ)